

Language and Solitude. Wittgenstein, Malinowski and the Habsburg Dilemma, de Ernest Gellner¹

Por Acácio Tadeu de C. Piedade
Doutorando, PPGAS/UFSC

A última obra do filósofo-antropólogo Ernest Gellner (1925-1995) é uma madura exposição de sua crítica à filosofia da linguagem de Wittgenstein, que sintetiza os vários temas que o interessaram ao longo de sua trajetória intelectual e sobre os quais publicou vários livros (Gellner, 1998). Apesar de se tratar de um texto essencialmente filosófico, o pensamento de Gellner nesta obra tem vários aspectos importantes para a antropologia atual. Há uma interessante retomada da teoria da linguagem de Malinowski, publicada em um pouco conhecido artigo de 1923, colocando-a como uma antecipação da filosofia do segundo Wittgenstein. Além disso, Gellner expõe sua repulsa ao paradigma interpretativo e ao relativismo, posturas teóricas que considera como que uma expiação da culpa pelos valores absolutizantes do individualismo liberal. Gellner postula um realismo científico que combina a idéia de uma cultura compartilhada - que toma como fator essencial para a atribuição de ordem e sentido à vida- com a superação dos limites da própria cultura -pois acredita em uma verdade que transcende a cultura.

O livro em toque, de 209 páginas, contém um prefácio de David N. Gellner -filho do autor-, uma apresentação de Steven Lukes, índice remissivo e uma bibliografia selecionada por I. C. Jarvie contendo o extenso conjunto dos textos que Gellner publicou sobre Wittgenstein, Malinowski e sobre o nacionalismo. O livro é dividido em cinco partes, cada uma subdividida em um número variado de seções intituladas, somando um total de 36 seções.

Nas seções 1-6 da Parte I, Gellner apresenta sua teoria do conhecimento, que divide o panorama do pensamento humano em duas visões opostas: o atomismo-individualismo e o organicismo-comunalismo. Para Gellner, esta bipolaridade não se manifesta somente na filosofia e na ciência, mas também na política, na economia, na ética, enfim, na totalidade do campo social humano. A concepção atomística-individualista do conhecimento tem como modelo a figura de Robinson Crusoe: é a idéia do indivíduo solitário, separado da sociedade, capaz de conhecer o mundo através de seu distanciamento, e que desenvolve uma racionalidade analítica para dar conta de sua relação com a natureza, uma racionalidade que é imparcial e, portanto, universal, pois se aproxima de um absoluto que deve ser o mesmo para toda e qualquer sociedade humana. O progenitor deste individualismo intelectual é Descartes, para quem o conhecimento verdadeiro poderia ser obtido melhor por um indivíduo sozinho, agindo por passos. Aqui também se colocam os empiristas ingleses -especialmente Hume-, Kant, Mach e Russell. A idéia geral é que o mundo

exterior ao indivíduo -o investigador Crusoe- é formado por partes independentes (daí “atomismo”) que constituem um todo, mas que têm soberania em relação a ele. Este pólo empiricista-racionalista-positivista está associado à *Gesellschaft*, ao liberalismo político e ao cosmopolitismo.

Na outra concepção está a idéia da comunidade, da cultura como inexorável constituidora do indivíduo e, portanto, do indivíduo como agente da comunidade. A realidade é constituída de elementos interdependentes, conectados, formadores de um sistema. Para Gellner, apesar do modelo do atomismo-individualismo ter sido formulado como teoria anteriormente ao modo orgânico-comunal, este último foi, antes ainda, vivido, experimentado, praticado. Segundo este modo, nenhum homem pode conhecer o mundo sozinho, pois carrega em sua visão toda uma comunidade cultural-lingüística particular. Associa-se aqui a idéia de tradição, que é vivida, dançada, ritualizada pela comunidade, bem como o nacionalismo, tema que Gellner já vinha desenvolvendo de maneira brilhante em obras anteriores, mostrando como as raízes deste movimento político se encontram no romantismo de Herder e Schiller e na apologia do apego ao solo, das raízes. A *Gemeinschaft* repudia o cosmopolitismo desenraizado do mesmo modo que o holismo repudia o individualismo, ou como a unidade homogênea do Estado-nação repudia a hierarquia supra-étnica e universalista do Absolutismo: trata-se de visões opostas, “rivais” no dizer de Gellner.

Ainda na Parte I, nas seções 7 e 8, é apresentado o “dilema Habsburgo”, que consiste na visão de mundo dos povos do antigo Império dos Habsburgos, o império austro-húngaro com sede em Viena, que se constituiu na Idade Média e que finalmente desmoronou em 1918. Nesta visão de mundo, a oposição individualismo/comunalismo, manifesta politicamente pela oposição liberalismo cosmopolitano/nacionalismo, é particularmente polarizada e forte, dilemática, permeando a sensibilidade de todos os povos do vale do rio Danúbio e sua marcada polaridade entre catolicismo absolutista e liberalismo cosmopolitano. Malinowski, que nasceu e estudou na Cracóvia, região polonesa do antigo Império, e Wittgenstein, que cresceu em Viena, compartilham desta mesma base cultural, e Gellner mostra como suas obras refletem o dilema Habsburgo.

Após uma breve recapitulação, na seção 9, tem início a Parte II, sobre Wittgenstein. É nesta parte, dividida em 13 seções, que Gellner expõe uma aprofundada crítica das idéias deste filósofo tão importante, que fez a rara proeza de desenvolver duas diferentes filosofias profundamente influentes e mutuamente incompatíveis. Nas seções 10-15 é examinado o primeiro Wittgenstein, criador do *Tractatus Logico-Philosophicus*, publicado em 1921 (1968). Segundo esta obra, que é construída a partir de observações numeradas, a linguagem nos fornece um retrato do mundo: mesmo em suas proposições mínimas, a linguagem consiste em retratos da realidade - os fatos. Seguindo uma teoria da figuração -segundo a qual as sentenças lingüísticas são como quadros vivos da realidade-, Wittgenstein afirma que a linguagem tem a mes-

ma forma lógica que o mundo: ambos obedecem às mesmas regras da lógica, os limites da linguagem sendo os limites do pensamento. Como as proposições lógicas da linguagem são um retrato do mundo e não podem ser nada mais do que isso, nada podem dizer sobre qualquer outra coisa. Desta forma, as proposições lógicas são tautológicas, elas de fato “não dizem nada”, e isto significa que aqui está decretado o fim da filosofia. No mundo aqui apresentado tudo é accidental: não existe nem valor nem vontade, o homem nada pode fazer, pois o sujeito não pertence a este mundo. A última proposição do *Tractatus* conclui que “sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar”. O que não pode ser dito pode, no entanto, ser demonstrado (ou mostrado). Esta filosofia influenciou profundamente o Círculo de Viena, Schlick, Carnap, e o positivismo lógico em geral, sendo expressamente admirada por Russell. Gellner, no entanto, mostra como este primeiro Wittgenstein está imerso no paradigma atomista-individualista, e muitas inconsistências no *Tractatus* decorrem desta disposição. Gellner discorre sobre seis pontos (:48-58), mas a maior crítica é aquela do ponto de vista da “solidão do empiricista de longa distância”, típico deste paradigma, ponto que é atacado por Gellner com base na idéia de que este ego transcendental filosoficamente induzido procura dissolver a idéia da inevitabilidade da cultura, do pertencimento a uma comunidade lingüística. De fato, Gellner afirma que as proposições do *Tractatus* podem ser resumidas em uma única: “Não há algo como a cultura” (:68). O mundo sem cultura é aquele mundo frio, construído pelo indivíduo solitário, e a linguagem aqui consiste nas impressões deixadas pelos átomos-do-mundo, quadros da realidade, e sua soma.

A seção 16 descreve a radical mudança de posição no segundo Wittgenstein, das *Investigações Filosóficas*, publicado em 1952 (1989). O Wittgenstein tardio abandona o individualismo “autista” e conceitualiza a linguagem e o pensamento humano como incorporados por sistemas de costume social ligados à comunidade que os usa, estes sistemas sendo portanto definitivos, auto-validativos em termos lógicos. É nas culturas particulares, ou “formas de vida”, que as linguagens naturais encontram sua aplicação adequada: os objetivos práticos. Os problemas e teorias filosóficas são produtos da imaginação, são meras “perplexidades”, resultantes de equívocos em nossa forma de pensar, erros lingüísticos. A linguagem não pode ser unificada segundo uma única estrutura lógica e formal, este sendo o erro fundamental do *Tractatus* ao tentar deduzir os limites da linguagem a partir da investigação empírica. A Filosofia deve abandonar a busca da essência da linguagem e buscar desvendar como ela funciona, procurando neutralizar os efeitos “enfeitiçadores” dos “jogos de linguagem” sobre o pensamento. Para Gellner, a essência do desenvolvimento de Wittgenstein é que “a idéia populista da autoridade distintiva de cada cultura é aplicada ao problema do conhecimento” (:72). O segundo Wittgenstein, portanto, representa um desvio radical para o paradigma orgânico-comunal. São os múltiplos aspectos desta mudança que Gellner aborda no restante da Parte II, nas seções 17-22.

A Parte III é dedicada a Malinowski. A seção 23 apresenta a antropologia britânica sob o paradigma evolucionista de Frazer, e a seção 24 trata da “revolução Malinowski”. Se aqui não há novidades para antropólogos, as seções 25-28 abordam a formação “Habsburgo” de Malinowski, mostrando a forte influência do filósofo austríaco Ernest Mach, do extremo empiricismo ao funcionalismo biológico. Gellner mostra também como Malinowski reteve o modelo das etnografias populistas-nacionalistas centro-européias na formulação do novo estilo de etnografia e trabalho de campo. Para Gellner, Malinowski funde empiricismo -imersão no trabalho de campo, observação, inferência de observáveis- e comunismo -a cultura como uma unidade, um todo orgânico-funcional-, representando, portanto, uma conciliação entre as duas teorias do conhecimento.

Nas seções 29-31 é apresentada a teoria da linguagem de Malinowski, com base em um pouco conhecido artigo publicado em 1923 (1972). Neste artigo, Malinowski afirma que a linguagem está essencialmente enraizada na realidade da cultura, “e não pode ser explicada sem constante referência a estes contextos mais amplos” (1972:303). A linguagem é vista como sendo essencialmente um modo de ação cuja função “primitiva”, original, se limita à esfera das atividades humanas e do comportamento prático, sendo que a expressão de pensamentos reflete um uso derivado e mais elevado desta função básica. Há, portanto, uma profunda diferença entre o uso funcional da linguagem, embebido na cultura, e uma investigação desencarnada e abstrata do mundo. Gellner mostra como estas idéias antecipam o cerne da segunda filosofia de Wittgenstein ao tratar da linguagem em todos os múltiplos propósitos e complexidades do cotidiano, portanto de sua natureza pragmática e comunal, como fato definitivo e supremo. Esta convergência faz Gellner perguntar-se por que os filósofos tiveram que esperar pelo segundo Wittgenstein se o essencial desta filosofia já estava lá no Malinowski de 1923 (:149).

Nas seções 32-33 da Parte IV, Gellner comenta as correntes filosóficas influenciadas pelas idéias de Wittgenstein, como o idealismo lingüístico de Oxford, que é criticado com argumentos firmes e ironia. Na seção seguinte, a antropologia interpretativa é alvo de críticas, e a crítica de Geertz à objetividade do conhecimento antropológico é tomada como uma “histeria do subjetivismo” (:177). De fato, ao longo do livro, Gellner mostra-se defensor de um racionalismo crítico, em favor do universalismo rebelde às crescentes amarras do idealismo e relativismo e suas manifestações na esfera política, como o populismo e o nacionalismo. Daí sua recusa do que posteriormente chamou de “praga hermenêutica”: a obsessão dos antropólogos por mundos fechados de cultura compartilhada.

E é na quinta e última parte do livro, nas seções 35 e 36, que Gellner, ao retomar o tema das duas visões do conhecimento agora sob a luz das reflexões das partes anteriores, esclarece sua posição. Para Gellner, a tradição racionalista-individualista é única e distintiva, sobretudo pelo seu poder na produção de tecnologia e na esfera cognitiva. O comunismo romântico, para o qual a

abstração é um abuso e o intelectual um pecado, está manifesto na ideologia chauvinista e anacrônica do moderno Estado-nação: o romantismo é a reafirmação dos valores agrários em um contexto pós-agrário no qual estes valores já perderam sua antiga função. Ao negar a aplicabilidade e difusão universal de um estilo cognitivo -a ciência, que transcende as culturas-, este modelo revela-se fraudulento. Sem deixar de enfatizar a importância da cultura na elaboração da linguagem e do pensamento, o autor afirma que “o relativismo é algo absurdo” (:185), pois a cultura não pode ser o ponto terminal das possibilidades de cognição: a transcendência dos limites culturais é uma realidade essencial. A superioridade tecnológica de um estilo cognitivo particular foi capaz de transformar o mundo inteiro: a transcendência da cultura talvez seja “o fato mais importante da história da humanidade” (:186).

Gellner, cujo pensamento filosófico teve influência manifesta de Popper, descobriu a antropologia nos anos 50, e esta descoberta foi fundamental para encontrar argumentos contra a hegemonia das idéias de Wittgenstein na Inglaterra e na elaboração de sua filosofia social. Realizou seu doutoramento em antropologia social na London School of Economics, sob a orientação de Raymond Firth e Paul Stirling, com trabalho de campo em tribos do Marrocos. Sua etnografia desenvolve uma crítica devastadora à filosofia da linguagem de Oxford, e resultou no livro *Words and Things* (Gellner,1979), bem como em várias outras publicações sobre parentesco e política em tribos marroquinas, e também sobre o islamismo. Entre outras contribuições de Gellner ao campo da antropologia estão suas discussões sobre as idéias de Durkheim e Weber nas teorias sociais do Ocidente e suas idéias inovadoras sobre modernidade, marxismo, sociedades industriais, etnicidade e nacionalismo. Apesar de sua crítica geral ao nacionalismo e ao paradigma cultural-comunal, Gellner, após sua longa vida acadêmica na Grã-Bretanha, parece não ter resistido ao apelo da Bohemia e passou seus últimos anos na Praga onde cresceu.

Para muitos autores, a crítica da linguagem de Wittgenstein é algo do mesmo porte que a crítica da razão de Kant (Pears,1973:14-43), sendo que nenhum outro filósofo foi tão longe na compreensão dos limites da linguagem. Neste livro, como em diversas obras anteriores, Gellner produz uma crítica sólida, mas um pouco obsessiva, do legado de Wittgenstein. O leitor pode ressentir-se da falta de um apoio maior em outros autores, comentadores ou críticos de Wittgenstein -com exceção da seção 19, que é quase uma resenha de uma obra publicada sobre o filósofo. Gellner parece desejar que o pensamento de Wittgenstein, reencarnado na cultura dilemática do Império dos Habsburgo, possa ser como que desmascarado em sua dupla falácia. Para tanto, o autor lança mão de fina ironia, como quando comenta a proposição do *Tractatus* “a morte não é um evento na vida” (:62-4), ou quando apresenta um divertido diálogo imaginário conforme a concepção wittgensteiniana de linguagem (:108-9). Esta crítica mordaz acaba ocultando o brilho do pensamento

de Wittgenstein e diversas outras implicações interessantes de seus argumentos, como sua convergência com o pensamento Zen (Shibles,1974:134-157).

Se a gênese do paradigma orgânico-comunal está bem apresentada -como modelo vivido antes de teorizado, posteriormente emanado no discurso do pensamento romântico-, falta uma investigação das origens do individualismo no Ocidente, movimento gerador do novo estilo cognitivo que engendra as sociedades industriais, para dar maior clareza ao paradigma do atomismo-individualismo que perpassa todo o livro e que, por fim, é defendido por Gellner (ver Mattick,1999). Tal investigação poderia ser enriquecida pela referência a obras antropológicas sobre o assunto, como Dumont (1993), e também a estudos sobre modernidade e pós-modernidade, nacionalismo e etnicidade. O fato é que o discurso de Gellner neste livro é isento de apoio extensivo em outros autores, de referências e maiores explicações sobre idéias e conceitos que o autor vinha desenvolvendo em obras anteriores. Neste sentido, é quase um livro para iniciados, e este fato aliado ao alto nível geral das discussões confere uma considerável densidade à leitura. Mesmo assim, a prosa é estimulante e o livro magnetiza o leitor, principalmente na sua brilhante exposição do background cultural dos 2 autores que discute; além disso, a profundidade com que é feito o cruzamento da filosofia com o pensamento antropológico amplia seu campo de interesse para além destes dois campos do saber.

Referências bibliográficas

- DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- GELLNER, Ernest. *Words and Things: A Critical Account of Linguistics Philosophy and a Study in Ideology*. London: Routledge, 1979.
- . *Language and Solitude. Wittgenstein, Malinowski and the Habsburg Dilemma*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 209 p.
- MALINOWSKI, Bronislaw. O problema do significado em linguagens primitivas. In: ODGEN, C. K., RICHARDS, I. A. *O Significado do Significado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. p. 295-330.
- MATTICK, Paul. K. New York Times, 1999. Disponível em <http://members.tripod.com/GellnerPage/Index.html>
- PEARS, David. Wittgenstein. São Paulo: Cultrix, 1973.
- SHIBLES, Warren. *Wittgenstein, Linguagem e Filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Ed. da USP, 1968.
- . *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1989.

Notas

- ¹ GELLNER, Ernest. *Language and Solitude. Wittgenstein, Malinowski and the Habsburg Dilemma*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 209 p.